



Voz da Fátima

Director, Editor e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos — Administrador: P.º Carlos de Azevedo — Redacção: Largo Dr. Oliveira Salazar, 21 — Leiria. Administração: Santuário da Fátima, Cova da Iria, Composto e impresso nas Oficinas da «União Gráfica», Rua de Santa Marta, 48 — Lisboa N.

A PEREGRINAÇÃO

O dia 13 de Setembro costuma ser, entre os dias 13 do ciclo do verão, aquele em que se regista menor concurso de fiéis ao Santuário de Nossa Senhora da Fátima,

DE SETEMBRO, 13

A meia-noite oficial, principiou a cerimónia da adoração geral do Santíssimo Sacramento solenemente exposto no altar-mor da igreja do Rosário. A partir das duas horas da madrugada, em que terminou, houve vários turnos de adoração formados por diversos grupos de peregrinos até à hora habitual da reposição, bênção e Missa da Comunhão geral. A esta Missa aproximaram-se da Sagrada Mesa milhares de fiéis de todas as idades e de todas as classes e condições sociais.

À meio-dia, rezado de novo o terço, efectuou-se a primeira procissão com a veneranda Imagem de Nossa Senhora da Fátima habitualmente exposta ao culto na santa capela das aparições. Logo que foi colocada junto do altar do lado do Evangelho, iniciou a Missa dos doentes o rev. P.º Francisco da Silva Geada, pároco da freguesia de Santo Estêvão, de Lisboa.

À estação do Evangelho, fez a homilia o rev. Frei Jerónimo do Souto, Religioso Capuchinho, que,

(Continua na 2.ª pag.)

Cruzados da Fátima

A COTA

Foi criada a Pia União dos Cruzados da Fátima para auxiliar a Acção Católica. O maior serviço que lhe presta é de ordem espiritual. Já por muitas vezes se fez referência a este serviço dos «Cruzados», resumido nestas poucas palavras das normas directivas: «que procurem viver cristamente».

Todavia, há também a considerar a importância do contributo material para a sustentação e desenvolvimento da Acção Católica. É este um problema delicado, mas que não pode ignorar-se. São enormes as despesas feitas com a sustentação do Movimento, e maiores serão ainda, quando se desenvolverem os serviços já existentes e se criarem outros que as necessidades exigem. Para verificá-lo, bastará considerar:

que a Junta Central possui o seu corpo de Assistentes que, embora modestamente remunerados, vivem dos poucos recursos da mesma Junta;

que há funcionários leigos que também dependem directamente da Junta Central;

que muitas visitas de estudo, de propaganda e de organização, em Lisboa e em todo o País, estão a cargo dos serviços centrais;

que muitas reuniões de cursos de carácter nacional e geral, bem como alguns retiros, só podem realizar-se com subsídios da Junta;

que uma parte da imprensa especializada da Acção Católica não se basta tendo por isso de recorrer ao auxílio central;

que nenhum dos quatro Secretariados da Junta (o Económico-Social, o do Cinema e da Rádio, o de Coordenação das Obras Auxiliares, o da Imprensa, Cultura e Propaganda), possui suficientes rendimentos próprios, para exercer eficazmente a sua respectiva actividade;

que, além destas despesas ordinárias, há outras de carácter extraordinário, que também reclamam verbas importantes.

É evidente que, sendo pobre, a Junta Central não pode dar com a largueza proporcional às necessidades. O que não poderia ela fazer se não fossem tão minguados os seus recursos!

Atendendo a estas circunstâncias, os nossos Venerandos Prelados houveram por bem tomar as seguintes resoluções, que constam do art.º 5.º dos Estatutos da Pia União, actualizados na reunião da Fátima, realizada em Maio de 1947: Os associados terão a designação de «Cruzados da Fátima», e dividem-se em três categorias:

a) remidos, isto é, os que dão, por uma só vez, 1.000\$00;

b) benfeitores, isto é, os que contribuem com a cota mensal mínima de 5\$00;

c) ordinários, isto é, os que contribuem com a cota mensal mínima de 50 centavos.

Convém acrescentar que na mesma reunião ficou resolvido que, de futuro, não devem admitir-se como «Cruzados», senão as pessoas que paguem, pelo menos a referida cota mínima;

na Cova da Iria. Este ano, porém, a peregrinação mensal foi mais numerosa e, segundo cálculos aproximados, deviam ter-se reunido, no local das aparições, mais de vinte mil devotos, provenientes de todos os pontos do país, e algumas dezenas de estrangeiros.

Entre os grupos de peregrinos organizados contavam-se a peregrinação carmelita luso-espanhola, promovida pela Confraria de Nossa Senhora do Carmo, de Lisboa, e composta de 200 pessoas, a da Arquiconfraria do Imaculado Coração de Maria, também da capital, e a do Estoril.

Viam-se ainda um grupo de cerca de 50 albergados do Sanatório dos Covões, (Coimbra) e outro de Religiosas de S. Vicente de Paulo (Irmãs da Caridade).

Entre os peregrinos franceses merece especial referência o rev.º cónego Barthas, pároco da freguesia da Imaculada Conceição, de Toulouse, e grande propagandista da devoção de Nossa Senhora da Fátima. Era acompanhado por dois irmãos, um sobrinho e o sr. Luís James, director duma empresa editora católica daquela importante cidade francesa — «Fátima Editions».

Dos Estados Unidos da América do Norte vieram dois lentes da Universidade de Boston e um da de Washington.

Encontravam-se também presentes bastantes peregrinos espanhóis e ingleses, um sacerdote holandês, outro do Luxemburgo e ainda um grupo de seis peregrinos italianos entre os quais o sr. Cati, sogro do Chefe do Governo daquele país, sr. Alcide de Gasperi, e o pároco de Santo Ambrósio, de Turim.

todos os assinantes da «Voz da Fátima», que paguem pela sua assinatura o mínimo de 10\$00 anuais, consideram-se inscritos como «Cruzados», e participam, por tal motivo, de todos os privilégios dos mesmos.

Movimento de oração e de esmola é a Pia União dos Cruzados da Fátima. Pouco se pede a cada associado, mas basta que todos os católicos de Portugal compreendam e sintam o valor deste pequeno esforço, pa. que a Acção Católica possa desenvolver-se largamente, conforme os desejos e necessidades da Santa Igreja.

† Manuel, Bispo de Helenópolis

Os peregrinos italianos trouxeram para oferecer ao Santuário um cálice de ouro e um belo quadro representando a vida de Santo Ambrósio, onde se encontra o primeiro santuário de Itália dedicado a Nossa Senhora da Fátima. Eram, além disso, portadores dum cofre onde levaram terra do local das aparições.

A procissão das velas, que se realizou no dia 12, às 22 horas e meia, depois da recitação comum do terço do Rosário, revestiu-se de extraordinário esplendor. Desenvolveu-se o magnífico cortejo — magnífico na sua simplicidade encantadora — durante quase duas horas, pelas avenidas do Santuário, tomando parte nele muitos milhares de peregrinos empunhando velas acesas e cantando o Avé da Fátima.



NOSSA SENHORA PEREGRINA DA AMÉRICA. As crianças acorrem a admirá-la e a rezar diante dela. Esta fotografia foi tirada no dia 9 de Maio na Catedral de Alexandria, Estado de Louisiana, e é sem dúvida a mais bela e mais impressionante de quantas dos Estados e Canadá nos têm mandado.

P.º Francisco Suarez

Celebra-se este ano o quarto centenário do nascimento do P.º Francisco Suarez, membro ilustre da Companhia de Jesus, grande teólogo que ilustrou Universidades espanholas e as de Coimbra e Évora onde foi Mestre insigne merecendo o título de Eximio.

As Comemorações principiam no dia 15 de Outubro em Granada (Espanha) e terminarão em Coimbra no dia 31 com uma sessão solene na sala dos Capelos.

O dia 30 está reservado para uma romagem ao Santuário da Fátima onde devem chegar pelas 10 horas.

Tomam parte nesta manifestação ao grande teólogo, canonista e insigne jurista consulto numerosos intelectuais portugueses e espanhóis sob o patrocínio dos Governos espanhol e português.

O P.º Francisco Suarez foi um grande devoto da Santíssima Virgem defendendo nos seus livros, na cátedra e discussões públicas os privilégios e dignidade da Mãe de Deus.

Por isso os devotos da Senhora devem associar-se a estas justas Comemorações.

A "IMAGEM PEREGRINA" NA AMÉRICA

Nossa Senhora pediu sacrifícios

Por Stephen Orazo — (Continuação).

Na Fátima, Nossa Senhora pediu sacrifícios. Como conclusão da sua estada em Lafayette, Louisiana, a «Virgem Peregrina» visitou uma paróquia de pretos (igreja do Coração Imaculado de Maria) de 7 a 9 de Março. O bom povo dessa paróquia ocorreu todo, a pé ou de carro, debaixo de chuva e por caminhos enlameados, para ver a bela Imagem de Nossa Senhora e contribuir com as suas orações para a conversão da Rússia.

Durante a sua permanência em Lafayette, o rev. P. Patrick Moore fez, juntamente com Mons. McGrath, (ambos da Sociedade das Missões Estrangeiras de Scarborough, Toronto) tem tomado parte na peregrinação, foi chamado para retomar o seu trabalho missionário em São Domingos. Foi nesta altura que o Bispo Mons. Jules B. Jeanmard fez um dos seus maiores sacrifícios. Não obstante ser a sua Diocese, entre todas as dos Estados Unidos, a que tem menor número de sacerdotes, este admirável, bondoso e humilde Bispo, pelo seu grande amor a Nossa Senhora, deu licença a um dos seus Padres, rev. Michael Benedict, para se reunir à peregrinação. Sim, Nossa Senhora pede sacrifícios, e o Bispo de Lafayette, em união com o seu povo, fez tudo quanto pôde para atender o seu pedido.

A «Virgem Peregrina» toma uma cidade

A «Virgem Peregrina da América» tomou literalmente a cidade de Nova Ibéria, Louisiana, que está situada no sinuoso Bayou Teche. A sua chegada, no dia 10 de Março, cerca de 5.000 católicos organizaram uma procissão do comprimento de dois terços de milha, a qual percorreu as ruas principais. Dirigidos ao microfone pelo rev. P. Habotz, todos rezavam publicamente o terço, enquanto a Imagem era triunfalmente transportada para a igreja de S. Pedro.

A restante população da cidade, mais de 15.000 pessoas, saíram para observar o espectáculo, paralisando assim, virtualmente, todas as operações normais. O trânsito ficou também suspenso; os teatros cessaram a venda de bilhetes; cervejarias e tabernas esvaziaram-se; proprietários e empregados pararam a venda das suas mercadorias e juntaram-se aos clientes, com centenas de outros que estacionavam nos passeios. De cabeça descoberta, observavam em respeitoso silêncio a passagem do estranho cortejo. Um velhote de cor tinha ouvido dizer que os católicos iam a rezar pela paz com a Rússia — que por um milagre os chefes dessa nação adoptariam o Cristianismo — e salvariam a paz do mundo. De pé no passeio, e com as lágrimas rolando-lhe pelas faces, repetia com insistência: «Eles vão salvar-nos».

O editor não-católico do jornal diário escreveu no dia seguinte: «O espectáculo de tantos cristãos em devota adoração impressionou a assistência muito mais que todas as estatísticas em letra redonda enumerando a cifra dos cristãos ou católicos. «Uma senhora protestante disse a esse jornalista: «Era incrivelmente impressionante ver tanta gente que crê».

E que dizer dos católicos? Ao chegar à igreja, a multidão era tão densa, que muito a custo se abriu caminho para a Imagem nela entrar. Visto não ser possível a entrada de todos no templo, fez-se a Hora-Santa ao ar livre utilizando o microfone. Mesmo em frente da igreja fica a estação telefónica local. Muitos números trocados ou longas demoras deve ter havido nas chamadas nessa altura, pois muitos dos funcionários deixaram o seu posto para verem das janelas as ce-

rimónias ou aplicar o ouvido, como podiam, ao sermão sobre a mensagem da Fátima.

Nossa Senhora tinha dito: «Os homens não façam mais pecados». Em Nova Ibéria, aos milhares, lá foram para os confessionários, em atenção ao pedido d'ela, dando que fazer dia e noite a uma dúzia de sacerdotes. O pároco, rev. P. Albert Baqueque exprimiu-se, assim: «A visita de três dias da Virgem Peregrina foi a melhor missão que esta igreja jamais teve. Converteram-se centenas dos que estavam afastados dos Sacramentos havia muitos anos. Uma mulher que havia trinta anos não ia à confissão, explicava que tinha voltado aos Sacramentos porque nunca tinha sentido o que sentira quando a Imagem chegou à cidade». Ao todo, mais de 20.000 pessoas vieram prestar homenagem a Nossa Senhora da Fátima representada na sua bela Imagem, durante a sua permanência de três dias em Nova Ibéria.

Primeira noite de cerimónias ao ar livre

Domingo, 14 de Março, foi a primeira noite de cerimónias exteriores. Efectuaram-se na bela Gruta de Lourdes na cerca do Colégio de S. Carlos, dos Padres Jesuitas, em Grand Coteau, Louisiana. Padres e estudantes levaram a famosa Imagem de Nossa Senhora em procissão de velas, para um trono especial, sobre o qual a Imagem dir-se-ia também uma aparição. Mais de 2.000 homens, mulheres e crianças afluíram por estradas e campos para assistir em Hora-Mariana e oferecerem as suas preces pela conversão da Rússia e pela paz do mundo.

Nossa Senhora disse à Jacinta que muitos pecadores vão para o inferno por não haver quem reze por eles. Durante a sua estada em Grand Coteau, a «Virgem Peregrina» foi levada a casa de Laura, uma conhecida mulher de cor, que há 12 anos está paralítica do pescoço, mas que tem suportado os seus sofrimentos sem se lamentar, oferecendo-os à Mãe Bendita pelos pecadores.

A Paróquia de Nossa Senhora

Nossa Senhora tinha prometido: «Eu assistirei à hora da morte com todas as graças necessárias para a salvação a todos os que no primeiro sábado de cinco meses consecutivos, se confessarem, receberem a Sagrada Comunhão e passarem um quarto de hora comigo meditando nos mistérios do Rosário». Uma das primeiras paróquias a começar esta devoção publicamente foi a igreja de Nossa Senhora do Sagrado Coração, em Church Point, Louisiana.

Na visita que ali fez, no dia 15 de Março, a «Virgem Peregrina da América» encontrou «um lar» porque esta imensa paróquia rural havia já mais de três anos que cumpria a devoção dos primeiros sábados, e mais de 1.000 famílias rezavam em comum o «Terço Familiar».

Mais de 5.000 camponeses inundaram literalmente o local para tomar parte nas Missas e outras cerimónias em honra de Nossa Senhora da Fátima. Era na verdade quadro digno dum artista ver os rapazes descalços, de rostos cor de tainho, avançarem na nave central para venerarem a bela Imagem de Nossa Senhora. Nestes sítios é um espectáculo vulgar ver lavradores com as famílias ou empregados passando publicamente o terço, enquanto levam as suas carroças para a cidade. Não admira, pois, que esta paróquia tenha sido tão pródigoamente abençoada nestes últimos anos desde que os seus paroquianos se não envergonham da sua devoção à Mãe de Deus.

A PEREGRINAÇÃO DE SETEMBRO, 13

— Continuação da 1.ª página —

dirigindo-se, de modo especial, aos peregrinos carmelitas, portugueses e espanhóis, dissertou principalmente sobre o significado e o valor do escapulário de Nossa Senhora do Carmo.

Finda a Santa Missa, o rev. celebrante deu a bênção eucarística aos doentes, que eram cerca de 200 e a todo o povo.

Entre os doentes via-se a sr.ª Anita Derosi, de Chicago, que se encontra cega há quatro anos, sem esperanças humanas de recuperar a vista, e que veio de avião, acompanhada pela mãe, pedir a sua cura a Nossa Senhora da Fátima.

Por ocasião da segunda procissão, precisamente no momento em que a Imagem de Nossa Senhora chegava aos últimos degraus da escadaria, achou-se de repente curada da doença de que sofria Maria Casimira da Silva, de 40 anos de idade, da freguesia de Granjal, concelho de Cernancelhe (Lamego), que havia 20 anos estava doente e 17 que se encontrava paralítica. Veio à Fátima pedir a Nossa Senhora a sua cura depois de ter sido submetida sem resultado a vários tratamentos nos hospitais da Universidade de Coimbra.

Na ausência de Mons. Manuel Marques dos Santos, Vigário Geral da diocese de Leiria, dirigiu ao microfone as cerimónias religiosas oficiais e fez as invocações do costume durante a bênção dos doentes o rev. P.ª Manuel dos Santos Craveiro, Director Espiritual do Seminário de Leiria.

Por último, procedeu-se à bênção de várias Imagens de Nossa Senhora da Fátima que foram, uma para o México, outra para as Filipinas, outra para a Bélgica, outra para um convento carmelita, outra para Inglaterra, outra para a freguesia de S. Miguel das Aves (Negrelos — Santo Tirso) e algumas para Espanha.

As solenidades oficiais terminaram com o canto do «Adeus», dispersando-se em seguida os peregrinos, de regresso às suas terras, com a alma cheia das celestes e suaves emoções dum dia passado aos pés da Virgem bendita no Santuário, das suas graças e dos seus prodígios maternais.

Vicconde de Montelo

Não custa experimentar...

TECIDOS VITÓRIA

servem sempre melhor:

Grande variedade em:

- Tecidos de algodão
- Estampaços
- Lãs para vestidos
- Seda
- Tecidos Finos
- Crepes
- Malhas Interiores
- Colchas
- Panos para lençol
- Mela
- Etc, Etc.

Amostras à disposição dos clientes
PREÇOS MINIMOS
SORTIDOS GRANDES

Remessas pelo correio para o Continente e Ilhas

Tecidos VITÓRIA

Rua de Cedofeita, 157 — PORTO

Movimento no Santuário

Reunião de Reitores e Professores dos Seminários

Sob a presidência do Senhor Bispo de Vatarba, estiveram reunidos no Santuário na última semana de Agosto, os Reitores, Vice-Reitores, Professores e Prefeitos dos Seminários do país. Fizeram algumas conferências os Profs. Dr. António Correia de Oliveira, da Universidade de Coimbra, Dr. Gaspar Machado, do Liceu de Lisboa, e Dr. Duque Vieira, do Liceu de Castelo Branco.

Várias peregrinações

Nos primeiros dias de Setembro passaram pelo Santuário algumas centenas de finalistas da Escola do Magistério Primário e do curso dos Liceus que frequentaram os cursos de formação para graduados da Mocidade Portuguesa Feminina. Vieram por 3 turnos, os quais eram acompanhados da Comissária Nacional Dr.ª D. Maria Guardião, e por alguns assistentes das Colónias de Férias que funcionaram em S. João do Estoril, Granja do Marquês e Praia das Maças.

Estas futuras professoras fizeram a sua consagração a Nossa Senhora e realizaram vários actos religiosos próprios das peregrinações ao Santuário.

A freguesia do Carvalhido (Porto) esteve aqui nos dias 11 e 12. Presidia a esta peregrinação o Rev. Pároco P.ª António Pacheco.

Os componentes da peregrinação a Santiago de Compostela, passaram por Fátima no dia 4 de Setembro. Vieram aqui assistir à bênção da Imagem de Nossa Senhora da Fátima, que ofertaram depois à Catedral de Santiago. A bênção foi feita pelo Senhor Bispo de Helenópolis que acompanhou os peregrinos àquela cidade de Espanha.

Vários peregrinos

Vindo de Santiago, esteve no Santuário a 31 de de Agosto Sua Ex.ª Rev.ª o Sr. D. Alfredo Muller, Bispo Auxiliar de Havana (Cuba).

No dia 14 de Setembro visitaram o Santuário SS. Ex.ª Rev.ª Mons. Francisco Robert, Secretário da Sagrada Congregação do Concílio; Mons. Angelo Peregrini, Secretário de S. Santidade para as Cartas Latinas; Mons. Guiseppe Pasquasi, Auditor da Sagrada Rota Romana, eram acompanhados de Mons. Umberto Mozzoni, Conselheiro da Nunciatura Apostólica de Lisboa. Celebraram missa na Capelinha das Aparições.

No dia 20 visitou o local das Aparições o Sr. General Apolinário Saenz de Buruaga, Subsecretário de Estado do Ar. do Governo Espanhol, que era acompanhado de sua esposa, Mãe, e do Rev. P.ª Gabriel Macias, O. P., capelão do Convento de Dominicanos de Valdeflores (Lugo).

Retiros

De 2 a 6 de Setembro realizou-se um retiro para cerca de 120 senhoras. Terceiras Dominicanas (rosaristas), o qual foi pregado pelo Rev. Frei Gil Alferes, O. P., do Porto.

De 14 a 18 estiveram igualmente em retiro 50 senhoras, membros da Arquiconfraria do Imaculado Coração de Maria. Dirigiu este retiro o Rev. P.ª Joaquim António de Aguiar, C. M. F., de Lisboa.

As Filhas do Imaculado Coração de Maria, da diocese de Portalegre, realizaram aqui também um retiro, de 7 a 11 de Setembro, pregado pelo Rev. P.ª Albano Vaz Pinto, de Abrantes.

REMÉDIO

D. D. D.

(Uso externo)

Uma especialidade inglesa que fará desaparecer rapidamente todas as perturbações da pele, dando-lhe um aspecto agradável.

Remédio D. D. D.

Combate, entre outros casos: Eczema, borbulhas, espinhas, comichões, cortes, herpes, etc.

A VENDA NAS FARMACIAS E DROGARIAS

IMPÉRIO DAS MEIAS

Av. Almirante Reis, 173-B LISBOA

Lençóis c/ajour 1.ª 80	45800
Lençóis c/ajour 1.ª 40	35800
Colchas de gorgorão casal	50800
Colchas de gorgorão, fortes	65800
Colchas adamascadas, cores	57800
Cobertores casal 50800 e	45800
Travesseiros: casal 18800; pessoa	9800
Almofadas casal 6850; pessoa	4880
Toalhas turcas grandes 17800 e	12800
Toalhas peq.ª 7800, 68, 4880 e	3880
Toalhas alinhadas barras	6850
Toalhas mesa 1x1 c/guard.	18850
Toalhas 1,20x1,20 c/guard.	23800
Camisas de noite, senhoras	30800
Parure opal liso, 2 peças	27800
Parure opal flores, 2 peças	32850
Parure percal flores, 2 peças	20800
Combinações sr.ª seda boa	65800
Cuecas escócia sr.ª 12850 e	9850
Cuecas de escócia 11800, 10800 e	8800
Meias fina escócia pé cotton	15800
Meias de fina seda gaze	9850
Peúgas escócia fantasia	6850
Peúgas de lã 12800, 9800, 8800 e	5890
Peúgas de lã fina estambre	22850
Cuecas homem, boa sarja	16850
Cuecas homem 11800, 9850 e	8830
Lençóis homem reclame 2840 e	2800
Lençóis 3880, 2800, 1830 e	1800
Veus seda arrendado favo	14850
Panos higiênicos, cada 2880 e	2850
Combinações flanela c/ajour	17800
Luvas de lã, senhora	19800
Lã, novelo 50 gr.	6800
Camisolas lã homem 33800 e	30800
Flanelas tabeladas m.ª 8800 e	7800

Provincia e Ilhas enviamos a contra-reembolso

TIRAGEM DA VOZ DA FÁTIMA NO MÊS DE SETEMBRO

Algarve	7.103
Angra	16.232
Aveiro	5.704
Beja	4.760
Braga	38.930
Bragança	5.666
Coimbra	8.682
Evora	3.965
Funchal	9.792
Guarda	8.453
Lamego	7.297
Leiria	9.750
Lisboa	14.088
Portalegre	7.991
Porto	37.543
Vila Real	13.741
Viseu	5.100
Total	204.797
Estrangeiro	4.494
Diversos	11.299
Total	220.590

VOZ DA FÁTIMA

Despesas

Transporte	3.940.368\$25
Papel, imp. dos n.º 310, 311 e 312	61.898\$35
Franq. Emb. Transporte dos n.º 310, 311 e 312	9.743\$05
Na Administração	533\$00

Total ... 4.012.542\$65

Visado pela censura

GRACIAS

DE NOSSA SENHORA DA FATIMA

RUTH

Lição proveitosa

Com um fleimão difuso num pé

Manuel Teixeira Azevedo, de Norte Grande (São Jorge) Açores, tendo adoecido gravemente com um fleimão agudo num pé, foi confiado aos cuidados de um médico que depois de várias visitas resolveu operá-lo. A enfermidade agravou-se no entanto deixando o doente extremamente fraco. Em determinada altura a família notou que o pé deixava um cheiro fétido e chamando imediatamente o médico, este aconselhou o internamento do doente no Hospital da sede do concelho. A família temia porém levá-lo de casa para uma tão longa viagem, que podia ser fatal, em virtude da extrema fraqueza do doente. Resolveram então recorrer a Nossa Senhora, iniciando uma novena e aplicando água da fonte na região purulenta. Não chegou o doente a sair de sua casa, e passadas 3 semanas o pé apresentava o aspecto normal, nele se notando apenas cicatrizes da tremenda infecção.

Entretando surgiram dores na coluna vertebral que o médico classificou de espondilose e que o exame radiográfico corroborou.

O doente foi internado no hospital da Terceira, onde o exame radiográfico declarou existirem já duas vértebras ligadas indissolavelmente, estando o doente na triste perspectiva de ficar aleijado para o resto dos seus dias.

Sua família voltou-se de novo para Nossa Senhora, prometendo mandar celebrar uma missa no Santuário da Fátima, se ao menos o doente ficasse a andar.

Passado pouco tempo as melhoras que pareciam estar longe, foram-se aproximando e acentuando cada vez mais a ponto de hoje o doente levar a vida de antes.

Esta exposição é atestada por carta do Rev. Pároco do doente e por atestado médico, passado pelo Sr. Dr. José Correia da Cunha Junior, que o tratou.

Ameaças de congestão cerebral

José da Rosa Pereira, de Conceição da Horta, Faial (Açores), foi por várias vezes acometido por ameaças de congestão cerebral chegando a ficar detido no leito sem esperanças de cura.

Recorreu a Nossa Senhora da Fátima, no meio da sua aflição, implorendo o seu auxílio e prometendo publicar a graça que pretendia.

Há muito que não sofre o menor incômodo, facto que atribui à intercessão de Nossa Senhora e pede a publicação desta graça.

Doença impertinente

José Alves de Oliveira, de Gondifelos (Minho), desde menino que sofria de uma doença da pele com erupções e supurações por todo o corpo. Apesar de consultados vários médicos e de aplicados vários tratamentos, nada conseguia debelar a doença.

Assim andou até à idade de 9 anos. Seus pais viviam desconsolados, e perderam toda a esperança na cura. Até que, ouvindo falar dos milagres de Nossa Senhora, prometeram vir em peregrinação a Fátima e trazer com eles a criança, se esta melhorasse. E confiando em Nossa Senhora, puseram de parte todos os medicamentos.

Faltavam apenas 15 dias para o primeiro dia 13, e verificaram então que a doença principiava a desaparecer sem deixar vestígios. A pele cicatrizou sem deixar quaisquer sinais.

Logo no dia 13 aqui vieram agradecer a Nossa Senhora tão grande graça.

Agradecem graças:

Cândida Rosa, do Porto, agradece uma graça alcançada na pessoa de um seu filho.

D. Cândida Pacheco Couto, de Rabo de Peixe.

D. Clotilde Isaura de Borda, de São Jorge.

Júlia Vicência Pereira Lima, de Lisboa.

Maria Irene de Sá Coutinho Cruz, de Viana do Castelo.

Maria Eugénia de Andrade de Silveira e Francisca Eugénia de Andrade, ambas de Pará do Norte (Açores).

Etelvina Augusto Martins, de Fonte Bastardo (Açores).

Maria Moreira Barbosa, de Duas Igrejas.

António Fernandes Araujo, do Funchal.

Raquel da Conceição.

António Fernandes Araujo, do Funchal.

Luisa da Conceição Henriques, da Madeira.

Ana Joaquina Machado, de Angra do Heroísmo.

Maria Aurora N. Câmara, de Ponta Delgada.

Maria Celeste P. Guedes, de Régua.

Alzira Augusta Vieira, de Viseu.

Juliana Florentina Topa, de Lisboa.

António Pereira da Costa, de Sintra.

António Gonçalves Janeiro, de Freixo de Ourém.

Maria do Céu Santos Ferreira, de Lousada.

Francelina Rosa da Silva, de Vila do Conde.

Maria Augusta Coelho, de Melres.

Manuel Francisco Pereira, de Fig. das Donas.

Maria Fernanda Moraes, de Olhão.

António de Sousa Petzoto, de Vila Verde (Açores).

Laura Santos.

Maria Isabel A. Bastos Estevinha, de Gavião.

Diana dos S. Nascimento, de Grândola.

Ana Martins Neves, de S. Cosme (S. Miguel).

Palmira Teixeira, de Figueira da Foz.

P. Manuel Dias de Matos Lage, do Seminário das Missões, Guarda (Ger.).

Ermelinda Gonçalves da Costa, de Ribeira de Pena.

D. Maria Olivia Borges, Ceta.

Luis Manuel Furtado, Ponta da Faj Grande.

D. Maria Augusta Tadeu dos Santos, Vilar do Paraíso.

Francisco Nunes, Recarei.

D. Maria do Céu Rodrigues, Guarda.

D. Maria Romualdo B. Fernandes, Conceição de Tavira.

João Manuel Pereira, Goães.

D. Maria da G. Matos F. Ajonso, Castelo Branco.

D. Maria Fontes de Melo, Fátima (Açores).

P. José de Sousa Avila, da Ilha do Pico.

Constança de Azevedo A. Espírito Santo, do Porto.

Maria Emilia Duarte, de Junceira.

Domingos da Silva Lopes, de Agrela.

Dr. Manuel Rocha, de Lisboa, o bom resultado de uma operação melindrosa.

Maria da Luz Correia, de Fenais de Luz (Açores).

Maria Joaquina do Céu, de Fajãzinha das Flores.

António Ribetiro Leal, de Ermelo (Mondim).

António da Mota, de Gondaralos (Celorico de Basto).

Dalila Barbosa Ramos, de Carrizedo de Montenegro.

Maria da Conceição Cunha P. de Magalhães, de Mancelos.

Albertina Sarmento Osório, de Sarnadejo.

Hermínia das Dores Pereira, de Quintela (Monção).

Teresa Neto, de Freixeda do Torrão.

Isabel Maria de Oliveira Mateus, de Moncorvo.

Hermínia das Dores Pereira, de Quintela (Monção).

Teresa Neto, de Freixeda do Torrão.

Isabel Maria de Oliveira Mateus, de Moncorvo.

Hermínia das Dores Pereira, de Quintela (Monção).

Teresa Neto, de Freixeda do Torrão.

Isabel Maria de Oliveira Mateus, de Moncorvo.

Hermínia das Dores Pereira, de Quintela (Monção).

Teresa Neto, de Freixeda do Torrão.

Isabel Maria de Oliveira Mateus, de Moncorvo.

Hermínia das Dores Pereira, de Quintela (Monção).

Teresa Neto, de Freixeda do Torrão.

Isabel Maria de Oliveira Mateus, de Moncorvo.

Hermínia das Dores Pereira, de Quintela (Monção).

Teresa Neto, de Freixeda do Torrão.

Isabel Maria de Oliveira Mateus, de Moncorvo.

«É na família que se encontra a fonte da felicidade das nações e dos cidadãos; e porque a família não subsistiria sem o amor mútuo, sem a dedicação recíproca dos seus membros, Deus tornou-nos querido e sagrado o lar doméstico, lançou nos nossos corações e, por assim dizer, misturou no nosso sangue a piedade filial e a ternura fraterna. A doce imagem dum pai, as carícias e beijos dum mãe, os longos dias de infância decorridos sob o olhar amigo dum irmão ou duma irmã, todas estas recordações seguem o homem até ao túmulo, alimentam o seu génio, dominam as suas paixões, alegam-no no meio dos sucessos, e acompanham-no no infortúnio como uma consolação suprema. Sentimentos calmos, virtudes despidas de brilho, que se encontram com um carácter mais poético nos povos primitivos, mas que se devem encontrar também nos povos civilizados sob pena de deixar a vida humana sem encanto, a família sem laços de união, a nação sem força real».

Assim fala Mr. G. Darloy ao pôr diante dos nossos olhos Ruth, a moabita, uma das mais belas e poéticas figuras que a Bíblia nos apresenta e que fica bem recordar nestes tristes tempos em que a família é tão atacada e escarnecida, tantas vezes, as belas afeições que nela se cultivam.

Nos tempos em que o povo de Israel era governado por juizes, sobrevivia uma grande fome nas terras de Belém. Para fugir ao flagelo que certamente se estendera a todo o país, Elimelech com sua mulher Noemi e dois filhos emigraram para o país de Moab. Mas pouco tempo depois morria na terra do exílio. Seus filhos desposaram duas raparigas moabitas, uma chamada Ruth e outra Orfa e também eles em breve, minados talvez pela nostalgia da pátria, seguiram seu pai no túmulo como o tinham seguido na emigração.

Vendo-se sem marido e sem filhos, a pobre Noemi resolve voltar à sua terra com Ruth e Orfa, tanto mais que ouvira dizer que era passado o flagelo da fome. Mas a meio caminho, voltando-se para as suas duas noras que a tinham seguido com dedicação, diz-lhes: — «Ide para casa de vossa mãe; que o Senhor vos trate com bondade como vós fizestes com os mortos e comigo. Que Ele vos conceda encontrardes repouso na casa do marido que um dia receberdes». Dizendo isto abraçou ternamente as duas jovens viúvas que começaram a soluçar e teimavam em ir com ela. Noemi volta a insistir e então Orfa despede-se ternamente e regressa ao país de Moab.

Todavia Ruth não se dá por convencida e não quer de maneira alguma deixar sua sogra, apesar de tudo o que esta lhe dizia.

Ruth era destas almas delicadas para quem o infortúnio é mais um motivo para apertar e tornar mais fortes os laços da afeição. Por isso decidida e terna responde à mãe do seu saudoso e defunto marido: — «Não insistais para que vos abandone e me retire, porque para onde quer que vós fordes eu irei também; onde quer que permanecerdes, eu permanecerei igualmente. O vosso povo será o meu povo e o vosso Deus será o meu Deus. A terra onde morrerdes, ver-me-á morrer e nela quero a minha sepultura. Que Deus me trate com todo o rigor se jamais me separar de vós a não ser pela morte».

Quanta beleza, quanta dedicação nestas palavras pronunciadas com tanta sinceridade e tanta singeleza!

Que nobreza nesta atitude e que belo exemplo Ruth oferece a tantas jovens esposas de hoje, que tantas vezes menosprezam as mães de seus maridos vendo nelas umas rivais a roubar-lhe o afecto dum coração que querem só para si, como se afinal amor filial e amor conjugal não fossem dois afectos distintos e que podem coexistir no coração dum homem que é ao mesmo tempo filho extremo e esposo dedicado.

MOSS.

— E para o jantar do pessoal, minha senhora?

— O costume... Ou então de do toucinho que está naquela pia e que já está muito amarelo...

A governante animou-se a observar:

— Como é dia de festa...

A dona da casa não se desconcertou:

— Olhe... dê-lhes aquela resto de nozes do ano passado e estas ameixas... Já estão um pouco bolorentas, mas lavam-se em água morna ou esfregam-se num trapo azeitado.

De novo a governante se permitiu uma observação:

— Aquelas nozes estão todas podres ou secas. Já experimentei a partir delas para as mandar para a mesa e nem uma se aproveitou.

— Sim, é possível, o ano foi muito úmido...

D. Clarimunda falara num tom absolutamente natural e foi do mesmo modo que saiu da dispensa sem dar ordem de substituir as nozes — nem sequer de as mandar deitar fora — e sem reparar no ar consternado de Maria Augusta, a sua nova governante.

De pé, com os braços caídos, o busto um pouco vergado para a frente como pelo peso do grosso molho de chaves que lhe pendia da cinta sobre o grande avental, dir-se-ia que estava prestes a romper em soluços.

Quando entrara naquela casa, recordada por uma amiga condóida da sua situação de jovem viúva, sentira um grande conforto já pela abundância que via em volta de si já pelo natural bondoso de D. Clarimunda.

Mas pouco a pouco fora reconhecendo com amargura que essa bondade se limitava apenas a não fazer mal a ninguém. Se lhe vinham pedir alguma coisa, é certo que dava, embora nunca na medida das necessidades de quem pedia e menos ainda das suas avultadíssimas posses. E, entretanto, na enorme dispensa as carnes iam rançando, o queijo apodrecia, as frutas estragavam-se, os cereais e legumes envelheciam e furavam do bicho...

Ah, não! Não havia direito! Tanta gente com falta, tanta gente com fome! Como poderia ser que não acudisse ao pensamento — e ao coração — daquela senhora, aliás virtuosa mãe de família, que é uma maldade, que é um crime, deixar estragar seja o que for, quanto mais naquelas proporções! Pobre daquela rica que não conhecia o prazer de dar, com largueza, com generosidade, com os olhos no Céu!

O Céu Bem pouco era lembrado naquela casa... Numas curtas orações, talvez, por hábito, por tradição. A igreja mais próxima ficava lá tão longe, a tantos quilómetros... Ao Domingo e dia santo de guarda, a senhora e a governante — porque lho exigira no ajuste — lá iam num dos automóveis da casa à Missa. As meninas, se estavam em férias, iam também. No tempo de aulas, porém, os outros lugares do carro ficavam vazios, porque se não pensava em preenchê-los com as criadas, alternando-se. Quanto ao dono da casa, era justamente aos Domingos que tinha de aproveitar... para pescarias, toiradas ou caçadas, conforme a estação.

Ora certo dia D. Clarimunda voltava da Missa no seu carro, levando apenas a seu lado a governante, sempre pensativa quando ele não ia cheio. Nessa manhã mesmo tinha ousado dizer:

— Se V. Ex.^a desse licença que a Ana fosse também... Ela estava habituada, na outra casa, a ir à Missa...

Era uma criada recentemente admitida.

— Ah, isso não pode ser! Logo começavam as invejas umas das outras e a Maria Augusta bem sabe que eu não quero questões cá em casa. E elas têm sempre que fazer, demais hoje que temos tantas visitas.

E por não querer questões ou antes por se não querer dar ao trabalho de destinar com justiça o cumprimento do preceito dominical a uma, duas ou mais criadas de cada vez, lá se foi recostar no carro, enquanto a governante se encolhia junto dela, com o coração ainda mais encolhido.

Iam avançando por uma estrada deserta — tanto mais que se tratava dum caminho particular entre duas imensas propriedades — quando o carro estacou de súbito e o motorista levou as mãos à cabeça:

— Ai, não me sinto bem! É melhor não continuar... não faça aqui alguma desgraça...

E empalidecida assustadoramente, Maria Augusta saltou imediatamente do carro:

— É melhor sair Alfredo!

E para D. Clarimunda, aterrada:

— Ajude-me, sim, minha senhora. É melhor estendê-lo ali naquela leno, debaixo daquela grande arinheira. Isto é do calor... Não se pode ficar aqui que abramos!

Estendido o rapaz, reanimou-se um pouco, mas as suas únicas palavras foram:

— Não posso levantar-me... Não me sinto com forças... Não posso guiar o carro...

Fechou os olhos e adormeceu.

— Que se há-de fazer? balbuciou a senhora.

— Esperar que nos venham procurar, naturalmente — respondeu a rapariga.

— Isso não... porque eu disse que talvez seguissemos até Évora e só voltássemos à noite. Só então virão procurar-nos... E eu estou já com certa fraqueza...

De facto o almoço ao Domingo, por causa da Missa que era sempre a que houvesse mais tarde, ficava muito fora de horas.

Maria Augusta voltea os olhos em redor pela imensidade da planura.

— Além há uma choupana — disse. Talvez tenham alguma coisa ou haja um cavalo e que possam ir prevenir no monte. Quer V. Ex.^a ir até lá, ou vou eu?

— Não, eu vou, eu vou — respondeu pronta D. Clarimunda a quem não agradava ficar ali sôzinha com o doente.

E momentos depois a rica proprietária entrava na mísera choupana onde uma mulher ainda nova, mas enfraquecida, rodeada de filhos, não tinha senão um pedaço de pão duro e um saco de bolotas que as crianças trincavam avidamente.

Só perto da noite o marido dessa pobre mulher voltou e logo se pôs de novo a caminho para procurar recursos para as duas senhoras e o motorista ardendo em febre.

Passava da meia noite quando todos três estavam de volta ao monte.

D. Clarimunda sofrera fome pela primeira vez na sua vida — fome abençoada que lhe fizera abrir os olhos às necessidades do próximo e à super-abundância da sua dispensa onde, desde então, com o auxílio de Maria Augusta que ela agora sabia apreciar devidamente, nunca mais se estragou coisa alguma.

M. de E.

Medalhas Religiosas

assinadas pelo escultor João da Silva: Nossa Senhora de Fátima — Nossa Senhora da Conceição e Nossa Senhora de Lourdes — Nossa Senhora de Fátima e S. Coração de Jesus — Virgem do Pilar e Sagrado Coração de Jesus — Escapulário e Santa Teresinha e Mater Dolorosa — Santo António e Ecce Homo — Rainha Santa Isabel, de ouro e de prata

Encontram-se à venda no Santuário de Fátima

PALAVRAS DE UM MÉDICO

(3.ª série) - XLIII

Os pulmões das cidades

Para acudir à viciação do ar nas cidades, viciação produzida pela grande acumulação de povo, era costume plantar árvores nas ruas e praças e organizar jardins e parques.

Lembro-me dos vastíssimos Hyde Park e Regent's Park, que vi em Londres, e a que lá chamavam, com muita propriedade, os pulmões da cidade.

Lembro-me da floresta de amoreiras que havia, há cinquenta e tantos anos, em Santo Tirso, ao lado do Mosteiro beneditino, amoreiras onde ia colher folhas para sustentar os meus bichos da seda, furto que, uma vez, me valeu uma repreensão do sábio abade Pedrosa. Lembro-me de, por essa época, quando vim para o Porto, ver a Praça Nova, as Carmelitas, muitas ruas e praças, adornadas com frondosíssimas árvores, que desapareceram. Conheci a Rua dos Carvalhais, em Santo Tirso, a Rua do Pinheiro e as ruas da Carvalhosa e das Carvalheiras, no Porto, o Campo das Carvalheiras, em Braga, mas, no meu tempo, já não tinham árvores.

Com isso perdeu a higiene e perdeu a estética.

Quem não perdeu de todo o gosto, confronte o aspecto que tem hoje a Avenida da Boavista, com as suas belas árvores que a ladeiam no princípio, a partir da Rotunda, e no fim, ao chegar à Foz, confronte a beleza desses dois troços arborizados da Avenida, cor a parte central, em que as árvores foram brutalmente suprimidas...

Lembrou-me este assunto um colega e velho amigo do Minho, que tem feito propaganda da cultura de árvores frutíferas em plena cidade. Teríamos assim bom

ar, boa sombra e excelentes frutos para nós refrescar.

Lembro-me de ver em Viseu uma larga avenida ladeada de cerejeiras; na minha terra (Santo Tirso) há um jardim público criado de ameixoeiras; e também vi no alto da Serra, na estrada que vai do Porto a Guimarães, algumas dezenas de ameixoeiras.

No Porto havia uma Rua do Laranjal, mas nunca lá vi laranjeiras; e em Coimbra há Santo António dos Olivais. Porque não enchem de oliveiras aquelas ruas e praças, assim como a vizinha Cumeada?

Como ficaria enriquecida a formosíssima região, que já foi habitada pelo nosso glorioso Santo António!

As cidades, às vezes, fingem que têm árvores, por ostentarem uma espécie de cogumelos, a que chamam acácias ou robinias.

Isso não vale nada. Plantem árvores que saibam crescer e, podendo ser, que saibam também florescer e frutificar.

Há o perigo de as assaltarem os rapazes? Mesmo que levem alguns frutos, ainda deixarão outros para os seus companheiros dos asilos.

A tentação é grande, e nem se livrou dela um dos maiores santos, Santo Agostinho, que confessava ter um dia assaltado o pomar dum vizinho.

O assalto às fruteiras é pecado que tem fácil perdão.

Mas pode tornar-se menos vulgar, educando os rapazes, como fazia S. João Bosco ou como faz o nosso Padre Américo.

Porto, 7-VIII-48.

J. A. Pires de Lima

A IMAGEM PEREGRINA

entre os pretos

Não têm sido muitas as notícias da visita de Nossa Senhora da Fátima a Angola. Sabemos, no entanto, que tudo tem corrido muito bem. O Senhor Arcebispo de Luanda, em carta para o Senhor Bispo de Leiria, confessava que, apesar do seu optimismo, não ousava esperar tanto, nem tão bem.

Julgamos dar gosto aos nossos leitores publicando a seguinte carta da Sr.ª D. Maria Teresa Pereira da Cunha, também dirigida ao Senhor Bispo de Leiria.

Nova Lisboa, 19-VIII-1948.

Ex.ª e Rev.ª Senhor

Chegámos no dia 14 à tarde de avião. O aparelho vinha todo forrado de seda azul e branca.

A chegada foi imponente. Estava a cidade em peso no campo de aviação, que dista uns 5 quilómetros. A imagem veio aos ombros, e organizou-se uma procissão de velas enorme.

No dia 15 presidiu à Missa solene do tricentenário, e à tarde partimos para a missão do Sambo e dali para o Bailundo. Não posso — porque não tenho palavras — descrever o que foi a re-

cepção aí. Cerca de 15.000 pretos aguardavam a chegada da Senhora, com archotes. Tropa indígena escoltava a imagem e uma banda de música seguia-a.

Os cânticos eram em língua bunda. Maravilhosos e lindamente executados! Senhor Bispo, envergonham os brancos...

Nossa Senhora foi para a Igreja, que durante toda a noite se não esvaziou. Todos os pretos rezavam e cantavam.

No dia 16 de manhã houve missa campal, e não exagero, se disser a V. Ex.ª Rev.ª que era como na Fátima, com uma multidão de pretos em vez de brancos. E que bem cantaram a missa! A comunhão foi numerosíssima.

No dia 1 chegaremos à diocese de Silva Porto e no dia 15 devemos sair para Moçambique.

Ainda na Diocese de Luanda fomos a Vila Salazar, Malange, Porto Amboim, Novo Redondo, Gabela, etc.

Fizemos estas viagens de comboio. Todas as estações, sem excepção, estavam ornamentadas, e fossem cristãos ou pagãos, todos vinham ver Nossa Senhora. Num terra onde não há ninguém

CONVERSANDO

Fez-se na Fátima, de 10 a 13 de Julho, o 1.º Congresso Nacional da União Missionária do Clero.

A princípio, pouco se reparou nele; mas depois, reflectindo, sentiu-se que marcou vincadamente, para o futuro e a larga distância da mais fundada das características nacionais de Portugal, qual é a da função histórica de cooperar para o máximo bem da humanidade, sem atender a diferenças raciais, de lugar ou de cultura, preparando deste modo o seu bem próprio numa ordem superior de bem comum e de projecção infinita.

Sob este ponto de vista aquele Congresso foi uma sólida demonstração de forças morais e patrióticas que é de justiça assinalar.

Nele tomaram parte representantes dos mais qualificados do Clero e das Congregações e Ordens religiosas que, no nosso País, têm tido sobre si o difícil cuidado de missionar povos de diferente nível social, aliviando-os nos seus sofrimentos com institui-

Prosseguimento da tradição missionária de Portugal

ções apropriadas, esclarecendo-os com regras da melhor moral, e levando-os a compreender que, através de tudo, todos somos irmãos e que o verdadeiro Deus é o Deus de todos: pessoal, omnipotente, misericordioso e eterno!

Nada de mais louvável. Entre os Congressistas lá estavam muitos dos heróicos e beneméritos pioneiros que, pelas terras longínquas da soberania portuguesa e pelas regiões imensas do Padroado do Oriente, têm passado a vida a dedicar-se sem medida, com os rostos tismados dos estranhos climas e com os vergões das rugas que os trabalhos fazem.

Das Congregações e Ordens missionárias nenhuma faltou a representar-se, tanto das que se estabeleceram nos começos da Nacionalidade como das que depois se formaram no período épico dos Descobrimentos e da Colonização ultramarina, e a seguir daí, até os nossos dias...

Para tudo, tem dado o sangue da Pátria e a fé da Igreja!

Presentes lá estavam também alguns dos nossos mais gloriosos Bispos missionários. Os que não puderam vir, como o Senhor Cardeal-Arcebispo de Lourenço Marques, mandaram a sua aprovação.

O Santo Padre Pio XII dignou-se enviar, com a Bênção Apostólica, a sua Mensagem de apoio.

Apreciada foi e afectuosamente acolhida a presença de Delegações das Unões Missionárias do Clero de várias nações, entre as quais da Itália, Espanha, Inglaterra e França. — Nações que mais de perto nos têm acompanhado nas cruzadas santas da Civilização Cristã.

Desta maneira composto e organizado, o Congresso não podia deixar de constituir um notável acontecimento, pelo que teve de radicalmente nacional e pode mesmo dizer-se, de radicalmente mundial e superiormente humano.

E ler o seu admirável programa, é ler o claro desenvolvimento das suas teses e respectivas conclusões.

O que daí logo prontamente ressaltou é a preocupação de firmar os missionários nos seus propósitos de máxima abnegação e de atender, de preferência para objectivos de missão, aos que menos podem ou mais sofrem; crianças, velhos, leprosos, loucos, miseráveis para quem pouco ou raro se olha, gentes desumanizadas por selvagemismo ou paganismo... E tudo isto, que é mais que humano, disposto num plano de larga e fraterna convivência para alturas de civilização que deixem sentir a consciência e o apreço da vida!

O Congresso assim foi, com efeito, uma edificantíssima manifestação de caridade, vinda de quem, pela observação e experiência dos meios, sofre e revive os seus assuntos; foi uma parada de generosos sacrificados pelo bem dos outros com fito a novos sacrificios; foi uma velada de escol dos missionários portugueses, cavaleiros andantes de nova envergadura, ainda em demanda do Santo Graal que encontram, descobrindo e modelando almas para que o mundo mais se alargue e mais se ilumine e melhor se torne.

Para este resultado, justo é não perder de vista os seus dois mais decisivos factores: a extraordinária força expansiva da Igreja Católica pela exuberância e pelo ambiente da sua caridade sobre todos os povos da terra; e a tradição missionária, oito vezes secular, que fez da pequena Metrópole, que é Portugal, uma das maiores potências espirituais em empreendimentos de humanização e de paz.

O 1.º Congresso, que, em semelhante medida, acaba de realizar-se, determinou que o 2.º se reunisse, como aquele, no Santuário da Fátima, em 1950, ano que o Soberano Pontífice Pio XII já anunciou ao Orbe ser o da celebração do XXV Aniversário da História da Igreja, segundo as fórmulas consagradas por tradição venerável, a fim de que possa marcar o começo duma era de paz, progresso e prosperidade por que tanto se anseia. E feliz é realmente esta coincidência.

A. Lino Neto

CRÓNICA FINANCEIRA

Os preparativos da Inglaterra e da América do Norte para a guerra continuam e já vão muito adiantados.

A aviação militar destas duas grandes potências está a postos. Só de super-fortalezas voadoras norte-americanas já estão noventa na Inglaterra e trinta bombas atómicas. Segundo um telegrama publicado hoje (16 de Setembro) nos jornais, o antigo Chefe de Estado Maior da aviação da América do Norte, general Carl Spaatz, diz que se essas noventa super-fortalezas forem carregadas com bombas atómicas, terão um poder de destruição igual às 72.200 fortalezas voadoras da última guerra, com a carga normal de explosivos.

Não era precisa esta conta do General Spaatz para se fazer ideia do que serão hoje 90 super-fortalezas voadoras carregadas de bombas atómicas, pois todos nos lembramos de que bastaram duas bombas para fazer ruir todo o poderio nipónico.

Mas os preparativos já realizados não ficam por aqui: As esquadras inglesa e norte-americana estão já em movimentos bem significativos. Uma concentração de cinquenta unidades realizar-se-á brevemente em Gibraltar e há

baptizado, um mais ousado veio pedir licença para cantarem. Foi-lhes concedida autorização, e com grande espanto nosso, entoaram com o maior entusiasmo o hino da Fátima! Isto pagãos, Senhor Bispo! Não têm pároco, nem nas proximidades o há.

Também não era raro, ao longo da linha, aparecerem uns grupos de 3 ou 4, que se ajoelhavam piedosamente ao ver passar a Senhora.

Se tivesse tempo, quanta coisa bonita podia contar!

o Mediterrâneo anda patrulhado por esquadras anglo-saxónicas. Como a aviação, as poderosas e esmagadoras marinhas de guerra destas duas grandes nações estão prontas a entrar em combate.

Quanto às forças de terra, a situação é igualmente clara. Há poucas semanas, os Estados Unidos decretaram o recrutamento e mobilização dos mancebos dos 18 aos 23 anos, que perfazem um contingente de nove milhões e quinhentos mil homens. A Inglaterra acaba de suspender a demobilização e o Governo britânico iniciou uma grande propaganda para acelerar o recrutamento de voluntários para o exército.

Tudo isto custa tanto dinheiro e tantos sacrificios a quem é arrancado à sua vida particular para ir servir nas Armas, que não se faz senão quando a guerra está à porta. Pois sacrificios nunca se fazem para fôgo de vistas, mas para fazer frente a situações graves.

A Rússia, dementada por inconsciente megalomania, quer conquistar o mundo e já tem debaixo das patas a Polónia, a Hungria, a Roménia, a Checoslováquia, e os três pequenos países baltas, a Estónia, a Letónia e a Lituânia. Além destes, tem ainda a Bulgária, a Iugoslávia e a Albânia. Agora quer botar as garras a Berlim e dá mostras de não querer largar nem a Áustria, nem a parte da Alemanha que está a administrar, melhor, a expoliar.

Não contente com isto, está-se servindo descaradamente dos traidores que tem a seu soldo em quase todos os países do mundo, para provocar distúrbios e espalhar a fome.

Tal é a situação actual que os sobras de Moscovo estão agra-

vando dia a dia com provocações dementadas de bárbaros, fingindo ignorarem a horrível tempestade que se está encastelando à sua volta. Tal como a Alemanha dos Nazis e a Itália dos Fascistas, assim vai a Rússia dos Sovietes. É bem certo que Deus tira primeiro o juízo a quem quer perder.

PACHECO DE AMORIM